

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Junqueiro e a sua apoteose

O que deve ser um poeta — Milton e a morte de Carlos I de Inglaterra — Como o julgou Larmartine — Junqueiro e a morte de Carlos I de Portugal — Um cidadão contra a apoteose

Ao iniciar-se o segundo semestre deste panfleto, uma comissão ape-la para todos os portuguezes, afim de a ajudarem na apoteose a Guerra Junqueiro.

O poeta, cuja obra recebeu a maxima consagração, por suas torrentes de harmonia, sua originalidade e suas audacias, *use não é*, positivamente o bardo nacional — o do patriotismo — surge-nos, como se o fosse, já modelado em bronze para a posteridade, porque no seu culto da côr e do som, na sua perfeição da fórma, atingiu mais do que os seus contemporaneos e até sobrepassou alguns dos que, desde longos tempos, são reputados nomes, cuja memoria jámais se poderá perder entre os portuguezes.

Junqueiro ficará na constelação dos grandes, e, embora seja o vate da revolta, contra dogmas, o resto da sua obra tem tanto de belo que, expungida das heresias — é crível que o poeta, na proximidade da hora do passamento ordene o desbaste ou as renegue — ficará monumental.

Não regateio a minha admiração ao talento do portuguez illustre que se quer festejar. Lembro-me ainda de muitas das suas composições, andarem em todas as bôcas, e, se nas escolas eram as mais furibundas, as preferidas, noutros labios fremitavam as poesias mais doces, mais ternas, como o *Fiel*, tão remolda e repisada, que veiu a banalisar-se.

A influencia de certos livros de Junqueiro foi terrível; penetrou nas almas como venenos subtis gerando a colera, armando a vingança e em furias lategantes, mais perigosas porque eram batidas no tom de uma frase popular e, por isso, facilima de decora, ele lançou o germen

do ataque a um rei, sobre cuja morte violenta faria depois extranhos comentarios. Pode dizer-se que aqueles seus versos do *Caçador Simão* foram um incitamento e uma profecia.

E' grande, soberbo, genial, se quizerem, mas eu não posso separar o poeta do cidadão, como não desligo nunca o politico do particular. Magnifico, admiravel, glorioso, porém, jámais, embora fizesse todos os esforços, eu conseguiria olvidar como esse escritor se pronunciou na hora de uma grande tragedia, na qual caíam dois homens: um rei, aquele para o qual esperava a chegada dum caçador á sua busca, e um principe sem culpas, morto tambem pelos mesmos que iam á balida anunciada:

*E' alguém, é alguém que foi á caça
Do Caçador Simão*

Junqueiro o escrevera. A caçada deu-se, ele, então, aplaudiu-a.

Porque assim procedeu eu não posso — e não faço falta em minha humildade — associar-me, á festa que se pretende fazer a quem admiro por sua intelectualidade, mas não aceito, por seu gesto de então, no canto da minha alma, onde guardo outros cultos mais fortes: os dedicados aos bons.

Não se imagine que é um jacobinismo branco que move a minha pena, que estou fazendo politica ou que a morte dum rei e dum principe me comovem mais que a de outros individuos caídos nas traições e nas ciladas. Não. Eu dispo-os, até, dos seus atributos regios, coloco-os na vida portugueza como um pae e um filho, lado a lado, na sua missão, esperados num recanto para serem imolados ás furias duma teoria, porque não agradara as atitudes de um deles a um bando excitado por palavras, actos, discursos, e escritos, pela propaganda iniciada por um poeta, desoito anos antes e jámais esquecida:

*Papagaio real, diz-me quem passa?
— E' alguém, é alguém que foi á caça
Do Caçador Simão.*

Isto podia ter sido escripto numa anciedade de se fazer ruido á volta do seu nome, porém, já não succede o mesmo quando da reincidencia.

Um poeta deve possuir uma alma diferente dos outros homens, temperada na doçura e no perdão, na bondade e no amor, deve, ao deparar uma violeta, afastar-se para a não pisar e ao achar um ninho defender-se da tentação de o derrubar, desviar-se ante um carreiro de formigas que passa na sua labuta e horrorisar-se ante quem fere, mata, prevarica e faz mal.

Do contrario, pode ter genio, trabalhar as suas rimas como um lapidario faceta o seu diamante, mas o seu coração desmente o seu talento, a mentira surge, a razão que lhe assiste, quando chora as ervinhas calcadas, sóme-se, como uma bexiga cheia de vento, picada, ao pisá-las ele proprio.

Junqueiro lamenta a má sorte dos melros e acolhe bem a desventura dalguns homens. Define-se ante os assassinios de D. Carlos e de D. Luiz Filipe:

« Lamento, de olhos enxutos, a execução do monarca. Mas se tivesse o dom de o ressuscitar, não o levantaria do seu tumulo. Deploro

angustioso a morte do principe. E deante dos cadaveres dos homicidas descubro-me, ajoelhando, com fremitos de terror, lagrimas de piedade, e, porque não hei de confessá-lo? de admiração e carinho. Mataram?! E' certo. Ferozes?! Sem duvida. Mas crueis por amor, ferozes por bondade.»

Assim se pronunciou Junqueiro.

Numa hora de tragedia, quando duas mulheres de luto choravam, uma, a morte do filho e do esposo, outra, a do seu primogenito, e um herdeiro desditoso, sob pesados encargos, ia para o suplicio, escapo tambem da morte, falava desta sorte um poeta, capaz de, em seus versos, cheios de belesa, soluçar ante as intemperies que aniquilam os botões de rosa.

Não parava em seu aplauso, nem mesmo ante a creança fusilada, cujo sacrificio primeiro lamentara; curvava-se ante os criminosos, como querendo ser um apóstolo e passando a parecer um cúmplice:

«Heroes. Mataram um grande criminoso e seu filho inocente. E' horrivel! Mas para eles, na sua concepção da Historia, materialista e fanatica, o filho do rei era a vergontea da arvore, e a arvore de má sombra queriam cortá-la pelo tronco.»

Herois! Chamavam herois aos da espera na praça publica. Justificava-os quando atiravam sobre uma mocidade *«vergontea da arvore, e a arvore de má sombra»*.

Pesando estas palavras, pergunta-se porque as escreveu o poeta, em cuja obra ha tantas paginas de ternura e não se alina, não se descobre, não se imagina porque singularidade de espirito, porque aberração de momento, ou porque colera sentida ele as traçou.

Havia desoito anos que incitara a morte dum desses homens, nos versos que ficaram nos ouvidos dos sabedores como nos dos iletrados, em sintetica canção da cilada:

*E' alguém, é alguém que foi á caça
Do Caçador Simão*

Dir-me-hão que Milton tambem justificou e aplaudiu a morte de outro Carlos I. E' certo. Este rei, porém, foi julgado e condenado num tribunal, e, ainda assim, Lamartine, o republicano de 48, o poeta da ternura, admirando-o, castiga-o:

«Milton não podia provar nenhuma das tres proposições da sua argumentação regicida. Só provou uma cousa: ou a dureza do coração dum poeta pelo fanatismo dum partido ou complacencia do genio ante a fortuna; uma ou outra destas suposições incrimina igualmente a sua memoria. Se a piedade estava proscripta do mundo, deveria encontrar-se no coração do poeta, o resumo vivo de todas as vibrações pateticas das cousas humanas. E quanto ao genio ele não é uma desculpa e antes uma agravante; se ele se baixa, deante do poder, até lavar o sangue do cadafalso sob os seus passos, é mais culpado dessa adulação sangrenta do que o vulgar, porque ele se curva de mais alto e se inclina mais baixo.»

Foi este o julgamento dum grande espirito, feito a um grande creador de belesa.

Carlos I de Inglaterra, comparecera deante dum parlamento, lôra ouvido e condenado á morte por uma maioria de juizes. Subira ao patri-

bulo, inundara-o do seu sangue, entre soldados, ao som dos tambores, alcançado por uma lei e Milton, por justificar esta deliberação dos sentenciadores, foi amaldiçoado pela posteridade. Não falara, todavia, dos filhos do rei, não se referira, sequer, a esses príncipes, que Cromwell não se atrevera a imolar.

Carlos I de Portugal, foi morto numa embuscada. O país estremeceu de horror ao ver correr o seu sangue nas pedras da rua; o soberano caiu assassinado em nome de propagandas revolucionárias, mas não foi a lei que o condenou.

Que pretende Junqueiro em torno do seu nome, desde que aplaudiu este horror, que nem tem a desculpá-lo a sanção dos juizes?

«Se ele — o genio — se baixa diante do poder até lavar o sangue do cadafalso sob os seus passos, é mais culpado dessa adulação sangrenta do que o vulgar, porque ele se curva de mais alto e se inclina mais baixo.»

O cadafalso de Withe-Hall erguera-se com suas escadarias e seus trapos negros a envolvê-lo; a rua d'onde surgiu o assalto ao rei e a seus filhos, era bem mais rasteira, mais vil, mais baixa. O genio inclinou-se até à valeta.

Foi diante do poder que ele abateu a sua fronte coroada pelos louros como Milton ao ser nomeado secretario do gabinete de Cromwell e ministro da república? Foi; porem diante do poder das espingardas assassinas empunhadas por aqueles a quem chamou «os regentes do reino».

E' bem peor. O poeta que assim falou vai receber as consagrações — diz-se, que do país inteiro — tranquilo num canto do seu lar Milton, foragido, fazendo espalhar a noticia da sua morte, depois de ter visto passar, arrastado pela turba, o cadaver do dictador Cromwell, exumado pelo carrasco da sua jazida, ainda escutaria, mais tarde, uma voz a acusa-lo, num grande direito. Vivia na indigencia; os seus olhos cegavam pouco a pouco, o poeta só podia sair de casa pela mão duma das suas filhas. Assim arruinado ia para o parque de S. James; erguendo a sua figura alta, de bela barba branca, cheia de magestade. Um dia, alguém lhe disse, num tom rispido e doloroso a um tempo:

— «E' o ceu que vos inflige esse castigo por terdes justificado o assassinio de meu pai.»

Era Carlos II quem lhe falava assim.

«Senhor —olveu ele — se os males que nos affligem neste mundo são castigos das nossas faltas ou das dos nossos, então vosso pai foi muito culpado porque muito sofreu e V. M. tambem.»

Com effeito o rei padecêra no seu exilio enquanto os amigos de Cromwell triunfaram. Mas chegára a vez da sua felicidade.

Junqueiro, a quem pretendem fazer a apoteose, jámais falará ao filho do rei cuja morte profetizou e cujos executores aplaudiu. Todavia, é crível que hoje sinta o remorso de ter escrito tais frases inesqueciveis.

Conta-se que, na extrema velhice, sob a arvore do seu jardim, entre as filhas e a miseria, Milton, ao ouvir os seus correligionarios falar-lhe das antigas paixões politicas e das suas arremetidas contra Carlos I, estremezia. Uma nuvem passava na sua fisionomia.

Lamartine descreve-o, assim:

Sempre republicano, deplorava o esvaimento do seu sonho que a inconsciencia do povo ingiês d'então e a traição do exercito tinham

tornado tão breve e lamentava, sobretudo, ter votado o sangue dum rei desgraçado e inocente a este belo sonho. Este remorso, o unico da sua vida, envenenou todo o resto da sua vida e até á sua nobre aspiração de republicano.

Ficou triste até morrer, tendo apenas o goso da aragem da tarde sob o carvalho do seu jardim. Ditava versos ainda ás lihas, cego, tacteando-lhes os rostos amados, lembrando-se sempre do sangue real derramado sobre a cabeça de duas creanças inocentes. Uma delas reinava; o poeta não se humilhava diante do Stuart triunfante. Cromwell, á hora da morte, confessára á familia o remorso do seu acto. Milton arrependeu-se e se não quiz penitenciar-se ante o rei — porque ele venceira e reinava — mas não deixou de se culpar diante de Deus.

— Em Portugal não ha um rei victorioso, tampouco se ergue um trono; é ainda a republica que dirige os destinos do paiz, é a sua bandeira que fluctua. Junqueiro não tem que se humilhar diante dum vencedor contrario ao seu crêdo para confessar o seu êrro, a sua enorme falta ao aplaudir os assassinos como Milton justificou o regicidio legal. Dois fantasmas, os desses dois Carlos I, a distancia de seculos, torturaram a mente de dois poetas. Um, porem, abatia a frente ao ouvir falar no justicado. Junqueiro conserva ainda bem alta a cabeça, depois de a ter roçado por onde o genio não pode arrastar-se.

A sua voz ainda se ouve tronitroante, por vezes. Não faz preces, lança diatribes. Ha pouco disse que a republica era uma bacanal de percevejos numa enxerga pôdre. Queremos saber se ainda considera os regicidas: os regentes e se ainda em seu animo — quando o querem consagrar e assim pensa do que era o seu sonho alto — se tivesse o poder de o ressuscitar — ao Rei — não o levantaria do seu tumulo?

Até o ouvir a sua voz pronunciar-se serei eu, o cidadão português embora o unico, que não acompanha a apoteose que se lhe pretende fazer em nome do paiz.

Não se pode glorificar quem, cheio de talento, em frazes apoteóticas, ajoelha ante assassinos, embora fossem as suas victimas os homens mais humildes de toda a terra.

Junqueiro não se desdisse como Milton e é muito culpado, duplamente culpado, porque o genio «se curva de mais alto e se inclina mais baixo», quando se usa como ele, nestas mortes dos reis, usou o seu.

Eis o que declaro hoje para não o repetir na hora solene da festa.

Em volta dumas veneras

A viagem tragico-exquísita — O criterio das recompensas — O que significam as comendas — Distintivos que não são distincções — As rosas e as calcetas

O governo vai condecorar os jornalistas que acompanharam o senhor presidente da republica ao Brasil. Dá-lhes, ao que parece, a comenda de Cristo, uma fila reaccionaria ressuscitada, como o seu patrono, para à sua sombra se cobrirem calamidades. Claro que não tenho senão que achar meritos enormes nos colegas que recebem a mercê, porém, compele-me tambem analisar a especie de serviços prestados ao senhor dr. Antonio José de Almeida, visto serem eles o pretexto para os galardoar.

Acompanhando s. ex.^a houve os que narraram a verdade do que se passava e os que a mascararam. Todos são condecorados e, francamente, não compreendo porque duas atitudes tão diferentes merecem a mesma recompensa. O criterio governamental, para o efeito, é o seguinte: você disse cousas que estavam em desacordo com as proclamadas pelos seus colegas: Tome lá o Cristo. Você foi antagonico com aquele: Tome lá o Cristo. Você disse que a bordo do *Porto* tudo eram belezas, magnificencias, linha, compostura. Aqui tem o Cristo. Você não afinou nesse criterio, mostrou grotescos, nodoas, asneiras. Aqui tem o Cristo.

Não se percebe. A não ser por uma convicção de que tudo quanto se diz na imprensa é bom torna-se difficil atinar com a egualdade nas condecorações decretadas pela viagem ao Brazil. Ao menos podiam mudar a côr das fitas com que se premiarem os intitulados serviços. Encarnado aos que disseram bem. Verde aos que disseram mal. Cristo a uns; Aviz a outros. Os suplicios, sofridos pelo Redemptor seriam o simbolo das torturas passadas pelos jornalistas que se dobraram ao criterio oficial; os louros da dinastia era que houve príncipes rebeldes e bravos o galardão, tambem simbolico, de quem pretendeu esclarecer. Tudo igual; e daí a confirmação de que o governo achou ótimo o que se escreveu ácerca da viagem do senhor Presidente ao Brazil abrindo apenas uma excepção. A

que se fez, para o delegado do *A B C*, de quem, o proprio chefe de Estado me disse pessoalmente, num dia em que conversamos largamente, cousas que valem mais do que as comendas conferidas pelo criterio dos ministros.

Quando da viagem do senhor doutor Antonio José de Almeida ao Brazil enviei ali, como representante da revista, cuja direcção me foi confiada, o meu velho camarada Alcantara Carreira que naquele país tem as melhores relações e um nome honrado e sólido. Fui acompanhá-lo ao navio e deixei-o na certeza de que entregára a representação do meu jornal a quem a saberia manter. Considerei-me eu proprio a bordo. Parece-me que fiz bem. Logo que saltei para o barco tive um desaguisado com um official de marinha cujo papel não cheguei a compreender. Pareceu-me mordomo mais do que comandante de bandeira. Fiquei à espera de fotografias e de noticias. Publiquei a reportagem grafica, a outra não chegou a horas porque uma revista não é um jornal onde se insiram telegramas. Eram, porem, estes, os que os outros periodicos publicavam, os objectos da minha surpresa.

Todos os desastres, todos os rídiculos, as arribadas, as conversações, os dislates, e, no fim, a salvação de tudo isto pela acção pessoalissima do presidente da republica. É esta a verdade. Se tivesse ido ao Brazil outro chefe de estado — o senhor conselheiro Bernardino Machado, por exemplo — o picaresco teria chegado ao maximo.

Antonio José de Almeida, recobrando a sua liberdade de acção, pondo em jogo as suas faculdades de orador, tornando-se, novamente, o tribuno ganhou, para o país, aquilo que o seu governo fizera perder com a organização dessa viagem. Não foi possivel ao *A B C* deixar de o acentuar com a reportagem grafica a mais completa que se publicou. Também não podia deixar de ter notado o maior de todos os fiascos, isto, no justo equilibrio de quem quere dizer a verdade: a analyse gramatical da prosa dedicada pelo singularissimo ministro dos estrangeiros à imprensa brasileira.

O *A B C*, onde não faço politica de qualquer especie — e a prova está na inserção de tudo quanto se deve registrar, desde as procissões aos cortejos civicos, desde as ceremonias dos governos aos comicios sindicalistas e ás expansões monarquicas — devia registrar aquele misero documento. Assim fez. Isso valeu-me o ter que meter na ordem, a meu modo, certa gazeta provinciana onde se quis defender o ministro e também valeu ao Alcantara Carreira ficar sem a condecoração.

Devo-lhe eu uma, se acaso gosta dessas exhibições que tornam os homens uma especie de pintos marcados para não se perderem.

Se, por ventura, o meu delegado, agora posto à margem pelos governantes, num pseudo ataque a quem dirige o *A B C*, tiver muito empenho em ser condecorado, arranjo-lhe isso com facilidade sem êle se filiar

no partido demagógico e sem mentir ao escrever qualquer das suas impressões. É facilimo. É tão facil que, até eu, calcule-se, eu, que nunca fui ao Brazil, nunca mandei trapalhadas l. songeiras para as gazetas a respeito de qualquer pessoa, nunca me dobrei diante do poder nem me rocei submisso pelos donos desta terra, já estive para ser condecorado. É verdade. Claro que, entre outras razões, aduzi a maxima: sou em demasia orgulhoso para usar o mesmo distintivo que certos senhores, grandes de S. Tiago, cujo civismo e cuja prosa são em demasia conhecidos. Não indico os nomes dos cavalheiros visto não querer sujar a tinta com que escrevo traçando aqui mesmo as suas simples iniciais. Acrescentei ainda, em conversa com quem me queria chapar na egualdade do S. Tiago, a resposta do actor, Joaquim de Almeida a D. Carlos quando el-rei lhe desejava premiar os meritos com a fita de cavaleiro daquela ordem.

— Oh! real senhor, o Silva Pereira tambem tem... Agradeço, mas não aceito...

Já se vê que quando até a mim, rebelde impenitente, se favorecia a arregimentação num grau onde ha tudo quanto se chama ordem, não é de admirar que lá arranje ingresso para o representante do *A B C* a bordo do *Porto* que, nem por sombras, seria capaz, de narrar o que ali entreviu com um pouco de ironia. E' que é imensamente delicado.

Comprometo-me a condecorá-lo se assim o desejar. Se não fosse já sufficiente recompensa para êle a conta em que o tem o doutor Antonio José de Almeida, que se lhe confessa grato — conforme me disse no seu regresso sem as subtilezas diplomaticas que comigo não usa — êle teria como destaque não receber a fita egual à dos seus camaradas de imprensa que dizendo bem ou mal, nos seus jornaes, se egualitam diante da comenda.

A exclusão não foi praticada para o ferir a êle mas para me alcançar a mim que me ria, a toda a hora, dessas placas sem valia, oferecidas quasi sempre aos amigos como se fossem alfinetes de gravata em dia de anos.

Sei de officiais que trazem ao peito medalhas da grande guerra sem lá terem ido!

Conheço muitos condecorados em Monsanto que não mereciam nem uma citação e imensos que se arriscaram e nem sequer receberam uma boa palavra.

As condecorações?! Para que demonio servem elas desde que não correspondem a um valor, a uma distincção, a um premio? Acaso um sabio póde trazer a ordem de S. Tiago egual á do agente que o governo manda tratar dos trigos a Liverpool?

A Torre Espada do major Ferreira do Amaral é egual à de Canto e Castro?! Não.

As cousas ou têm um valor real ou não significam aquilo que se lhes

atribue. São como as acções das Companhias falidas e as notas do Banco de Portugal daqui a mezes. Afirma-se que valem cem mil réis e ninguém dá, para as possuir, o seu valor em prata.

Com os comendadores succede o mesmo. Nem todos estão na altura do que querem significar porque a placa com que os chaparam não representa cousa alguma. Aquele Almeida Pinheiro, que roubou o Estado em Paris, era official de varias ordens e o outro que lá desfalcou os Transportes Maritimos, tambem o era. Ha cobardes que trazem ao peito a cruz dos bravos e isso só desacredita quem lha conferiu e tambem quem não arranca a que bem ganhou. Tudo é contingente neste mundo e as comendas portuguezas estão, neste ponto, abaixo de toda a critica.

De resto, já um jornalista veio dizer não aceitar a que lhe concedem sem que os seus colegas, assistentes ao *raid*, sejam condecorados tambem. Cá estamos num novo *gâchis*. A recompensa para estes tem que ser diferente pois não se pode considerar do mesmo modo quem acompanha uma epopea e quem segue uma patuscada.

Pela desconsideração que o governo julgou fazer ao representante do *A B C* só tenho que lhe agradecer porque vinha para mim subscriptada.

Honrado e feliz me sinto nesta hora em que não tenho junto de mim um homem com a lapela traçada por um sinalsinho vermelho como as calcetas dos pintos que, sendo eguaes, carecem de ser condecorados assim nas pernas, quasi junto das patas. É preferivel usar uma rosa na botoeira.

Espero apenas a ocasião de a poder oferecer ao meu colaborador podendo tambem, para mostrar que não sou de rancores, presentear quem distribue as graças, mandando-lhe, por exemplo, alguns cravos.

Palestra com o senhor Antonio Maria

A prisão de João de Almeida — O preso e o seu insultador — O heroe dos Dembos e o chefe da "Carbonaria," — O correctivo devido — Os grandes equilibrios

A maior cobardia que se póde praticar — senhor Antonio Maria da Silva — é prender um homem para o insultar de seguida. Essa attitude só tem um correctivo que, naturalmente, o ex-coronel, senhor João de Almeida, applicará na devida altura, porque o senhor, abusando da sua posição, do seu logar, da sua força, do seu capricho, o mandou prender, e, de seguida, declarou: «ter ele faltado varias vezes á sua palavra de honra».

Sei que foi o senado o sitio escolhido para a diatribe e sei, tambem, que safu de lá sem ter escutado as frases vibrantes, lategadoras que merecia emquanto o insultado não o chamar ao terreno para onde deve ser arrastado.

Eu não defendo aqui, pessoalmente, o senhor João de Almeida, cujo valor militar deu a Portugal uma formosa pagina de historia e ao peito, do cognominado «heroe dos Dembos» uma Torre Espada, ganha de maneira diferente de aquelle por que o senhor Alonso Costa a obteve. O militar bateu-se em territorio portuguez e o senhor de Portugal, de quem é feitor o chefe do governo, mandou baterem-se os filhos da nação como servos dos ingleses em países estrangeiros. Não carece o illustre militar das minhas palavras, tampouco tenho sua procuração para atacar quem tanto o feriu; procedo apenas como um homem, que vê na rua, um policia a cuspir na frente de um preso e o increpa, o detem, o chama á ordem, correndo todos os riscos. O povo costuma, nestas occasiões, fazer o que eu faço porque, para demais, o policia é presidente do conselho, não por merecimentos, pois os não tem, mas por um acaso da politica da republica.

Apesar de tudo, eu preferia o logar do senhor João de Almeida ao

do seu insultador; nas condições em que ambos existem antes queria o carcere, e as companhias dos assassinos e dos rufias, á cadeira do Marquês de Pombal onde o senhor se repimpa em herança do chefe que a mandou vir da Ajuda para vêr se alguns alivios pombalinos lhe inoculavam algumas ideas.

Quem é o senhor João de Almeida? Doutor em mathematica, official do estado-maior, vencedor de tres campanhas, condecorado com a Torre Espada por seus feitos, recebendo do país os titulos da sua gratidão e do exercito um, qualificativo de que era uso, noutras edades, fazer os titulos de nobreza: Heroi dos Dembos lhe chamaram a definir a sua acção como a acrescentar-lhe ao nome a aura do seu feito. Soldado honrado bateu-se pela sua patria e não se domou como a recua que tornou o exercito uma cousa extranha e amorfa na qual os *sargentos se decidiram agora, a tratar da situação financeira dos officiaes*. E' peor que o movimento a que os obrigavam, durante a efemera republica espanhola.

«*Bailen los officiales*», gritava a soldadesca e eles eram obrigados a empunhar a pandeireta para não cahirem sob as mãos dos seus inferiores indisciplinados. Aquela comiserção colectiva das praças de *pref* pelos seus chefes é ainda mais deprimente. Pois até a este momento ainda não vi um protesto á tal decisão mas apenas que alguém — cujas campanhas se limitaram a travessias na Porcalhota com o seu coelho por inimigo — deseja as promoções feitas por escolha. Eis o estado, em que as transigencias do estado republicano collocaram ao antigo exército. Neste — que é o seu, senhor Antonio Maria da Silva — João de Almeida não estaria bem. Serviu o país, no tempo de Sidonio Paes, quando se fazia uma tentativa de reorganisação — quero dizer que luctou, mais uma vez, pela nação não pelo criterio do senhor Sá Cardoso — aplicado ao senhor Augusto de Castro — de que «quem serve o país é republicano» — oh! que dislate! — mas porque, na realidade, o militar disciplinou, mentiu na ordem, conduziu, segundo a sua consciencia, o que se lhe confiou. Corvidado, tres vezes, por Couceiro, a ir tomar o posto distribuido do seu valor na Monarquia do Norte, recusou-se a aceder o que não julgava oportuno sem a guerra ter acabado. Podia ter revolucionado Aveiro e não se moveu; poderia ter tomado Coimbra e quedou-se. O chefe militar, o monarchico, collocava-se contra os designios dos seus. A paga foi o encerramento num carcere de S. Julião da Barra, com duas latas de rancho de soldado por dia e um catre nojento para o seu corpo. Um antigo camarada, chamado Ferraz, não lhe lenitivava o mal. Servia os miseraveis que mandavam como ordena, presentemente, Afonso Costa.

Naquele tempo o arbitro, era uma especie de devasso cuja vida escandalosa enchia Lisboa. Chamava-se Couceiro da Costa, vivia nos clubs com uma hetaira, réles, que quasi foi expulsa de Madrid pela poli-

cia, quando aquele personagem ignobil ali representava Portugal. Apesar do jacobino manter convivência com João de Almeida, e quando a esposa deste bravo, o procurou para a deixar ir vêr o preso quasi a pôz na rua enquanto as mulheres perdidas o obrigavam a todas as baixezas.

Já viu quem mandava? Já viu quem foi o primeiro algoz do heroe dos Dembos cuja vida honesta é um exemplo, cuja intelligencia é nobilissima e cujo trabalho tem sido sempre admiravel nos diversos ramos onde exerce? Pois era aquele: um farrapo tornado embaixador. Como não o puniram nem o dos Dembos nem Teofilo Duarte—outra victima sua—ele poude ir para Viana da Austria arrastando a sua chaga, a lemea, que viveu na legação, sem levar estampado no rosto o tacão de bota que se deve aplicar-lhe ainda, porque individuos de aquella especie não se amnistiam.

A vida do heroe dos Dembos, é, como se vê, é cheia de grandeza, de isenção, e de labuta.

Agora vejamos—senhor Antonio Maria da Silva—quem é o presidente do conselho, que o prende e o insulta. Engenheiro falhado em seu mister, a ponto de se sujeitar a um logar subalterno de administrador de concelho numa vila sertaneja em tempos da monarchia, não escreveu um livro, como o que sobre Marrocos publicou o capturado, nem tem a menor ideia de sciencia ou literatura. Lê ainda *Rocamble*; de ali não passa. Metido numa associação grotesca— a *Carbonaria*—apareceu, na manhã da revolução de 5 de Outubro, para esconder a pistola no deposito do autoclismo no escritorio de José Barbosa; em baixo passava a cavalaria extenuada e lenta. Mais tarde, para se vêr livre da arma comprometedora, foi mergulha-la no frasco de basalicão da farmacia Ferreira, no Chiado. Claro que não lhe exijo a maneira desenvolvida por João de Almeida, nos Dembos, mas ao menos a compostura digna de um homem que toma sobre si a missão de conspirar. Na Rotunda apareceu durante um armistício— a traição que gerou a republica diante da estupidez de um general e da possível complacencia de mais alguém— e «anichado logo num pingue emprego» lançou para muito alto os seus olhos. Sem talento, pois não é um politico á altura das necessidades do país e apenas das suas, sem cultura, vulgar administrador do concelho, alteado do supremo mando, claro que hade proceder como um policia banal, em nome, da salvacão dos seus interesses. Está no seu direito desde que uma nação inteira se subordina a taes dislates e aos grotescos que a sua volta espalha. Ora analisemos. Tornou por momentos, afflitiva, aos proprios olhos do chefe do estado, a situação que lhe creou, fazendo-o andar de um lado para outro, quando do cerco posto a Lisboa porque, no seu pavor, não achou outra solução alem desse passeio á D. João VI. O senhor doutor Antonio José de Almeida deveu-lhe o esparrinhar de pavores sobre a sua pessoa.

Depois, continuou no seu séstro de ridiculo do qual não se salvaria o proprio país sem ação pessoal do Presidente no Brazil. Oh! essa pitoresca viagem do *Porto* seria o bastante para fazer trambulhar uma duzia de gabinetes num país decentemente servido pela opinião publica. E depois disto que tem o senhor feito como primeiro ministro? Algumas prisões como um mediocre cabo de esquadra. Mais nada. Ah! fez tambem um emprestimo o qual demonstrou que só se tem confiança na instituição dominante quando se oferece á avaresa nacional lucros ruinosos para o Estado. Que praticou, depois de tal acto? Mais algumas capturas. Está na sua função mas ha uma cousa que não se lhe pode tolerar, como um popular na rua não se fica ao vêr um makololo do governo civil a escarrar num capturado, é o insulto ao homem que manda encerrar na cadeia.

De actos como os que o senhor praticou só ha um exemplo em Portugal: o de Norton de Matos—antigo conspirador monarchico em Vizeu—sendo sub-chefe do estado maior da divisão—insultando o fundador da republica vencido no 13 de Dezembro. Esse teve o correctivo. Fugiu miseravelmente deante de algumas balas quando o seu logar era a bater-se como chefe da demagogia que atacavamos. Machado Santos, quando ele regressou do exilio, já não lhe podia, decentemente, dar duas bofetadas.

Não sei o que vae succeder no caso presente. João de Almeida, preso e insultado, diz que procederá! Desta vez não ha balas porque para atirar um governo como o seu a terra bastavam tres homens energicos com umas boas penas e alguns discursos, mas o heroe dos Dembos não costuma faltar ao prometido e, então, senhor Antonio Maria, repare no que lhe digo: Aguentar-se o mais possivel no poder é adiar o correctivo. Agora é que vão succeder-se os grandes equilibrios.

Em volta de uma sentença

De que serve uma alta patente — Quais os deveres dos chefes militares — Duas figuras de soldados — Uma pergunta ao exercito português — A continencia a um morto

Finalmente, o juri do tribunal de Santa Clara pronunciou-se e o juiz condenou o almirante senhor Camara Leme a dez dias de prisão militar. A atenuante é a sua *alta patente*. O que eu julgava um motivo de maior condenação aparece-me como uma desculpa. Decididamente, não percebo nada de justiça ou ela está tão mal organizada que mais vale seguir o raciocinio logico do que mergulhar nos codigos.

Um almirante tem responsabilidades maximas, tão grandes que a sua *alta patente* — como diz a sentença — lhe dá imensas regalías e, neste caso, até a de lhe servir para um leve castigo. Devia, *essa alta patente*, ter como correspondencia imensos deveres. Parece que não é assim.

Cada vez admiro mais a sciencia da justiça. Fatalmente, ela vai explicar ao país porque um almirante que declara ter-se *agachado*, ao ouvir tiros, continúa usando os galões. Os profanos não percebem cousa alguma desses arcanos da punição e do premio mas os cidadãos precisam saber porque procedem de certos modos os juizes que elles pagam.

Estou vendo o sorriso da magistratura inteira, a propria Justiça que anda por aí, vendada e vendida, me faz esgares desdenhosos atirando-me com os seus artigos, paragrafos e Novissimas Reformas como uma *cocotte* dispara olhadelas, sorrisos, e gestos, porem eu, quedo-me no meu ponto de vista de individuo simples, desconhecedor dos cartapacios da Lei e sigo no meu raciocinio que é o da maioria.

O almirante senhor Camara Leme confessou ter-se *agachado*, ante as palavras de um marujo que lhe bradara «não trazerem *letreiro as balas*»; isto é, amedrontou-se diante de inferiores e, enquanto elles ficavam de pé, no tumulto, escondia-se na Casa dos Inuteis.

Quere dizer, diante do combate, quando se chacinavam os seus camaradas, isto é, num momento de indisciplina, bem peor que o fragor de uma guerra, o almirante apagava-se eliminava-se, escondia-se, fazia de morto, de abatido ao efetivo. Não morreu das balas, mas, moralmente, suicidou-se.

O que apareceu em Santa Clara foi um senhor chamado tambem Camara Leme mas que não era almirante nem mesmo simples oficial da armada. Não ha direito de vestir um uniforme quando êle não cobre

um animo valoroso. Na realidade, um paisano ante as balas, pode esconder-se. O amanuense Camara Leme, o *gentleman* Camara Leme, o democratico Camara Leme, o amigo do senhor Afonso Costa, Camara Leme — e este mais do que os outros por motivos do mesmo jaez — podem meter-se na Casa dos Inuteis, num deserto, num armario, numa retrete, o almirante Camara Leme não tem senão que intervir, à paisana ou fardado, no fogo, com a sua voz e com o seu prestigio de chefe, gritando até a sua *alta patente* para ser digno dela.

Desta maneira amanhã um general, ao vêr uma divisão indisciplinada, corre a refugiar-se num bahú e, no dia seguinte, de dragonas de cacho, chapéu armado, calças de lista, espada de punhos de ouro, escarranchado num magnifico cavallo vai passar a sua revista, de cabeça alta, pomposo, não se lembrando sequer, da sua fuga desde que lhe deixam vestir o uniforme, usa-lo, para as continencias.

Na sua retaguarda, o exercito, os recrutas, os cabos, os officiais, os indisciplinados, não sofriam as gargalhadas e talvez gritem — o que será o seu pleno direito — : Olha o general do bahú ! Olha a *alta patente* do caixote !

Impávido, reluzente, cheio de medalhas, aquela monstruosidade fardada scintila. Move-se mas não passa de um manequim ; agita-se mas é uma sombra, envolve-se numa farda mas leva, na realidade, sobre o seu corpo medroso, uma tunica enguisalhada.

Roberto protesta porque é valente, descadeira gentes com sua móca e usa gibão de guisos. Eu aquieto-o. O habito — como se vé — não faz o monge.

Usar uma farda importa valentia e tanto é assim que só porque um official não se bate é demittido, é posto à margem, lançado para longe da familia militar onde não se podem admitir membros desfalecidos. Ante a injuria feita a um militar, êle tem obrigação de a levantar, batendo-se. Está nisso o seu dever e não a sua valentia pessoal ; a sua honra e não o seu *panache*. Isso é bom para os civis que ninguem bane do seu convivio por fugirem diante de uma bengala. Para os fardados, voltar o rosto a um perigo é como abandonar uma bandeira. Não pode ficar nas fileiras quem taes actos comete.

E que maior afronta se pode fazer a um chefe do que a chacina dos seus camaradas, do que o tumulto dos seus inferiores, do que a vista de um official, vestido no seu uniforme, e cheio de sangue provocado por subordinados ?

Pois foi essa afronta que se fez ao almirante Camara Leme o qual se escondeu, se agachou e ficou na sua arma, continuou almirante porque um juiz, achou uma atenuante na sua *alta patente*. Se um dia houver em Portugal aquilo a que eu chamo justiça, será julgado o juiz e revisto, com este processo, todos os seus congengeres. Até lá decido-me, a confessar que não percebo cousa alguma de leis assim appli. adas. Prefiro a minha logica.

Neste momento, passa na minha retina um velho militar. É alto, envolve-se no seu capote claro ; coronel de cavalaria, mostra-se desempenadamente no escuro da rua para onde o arrastam, não supplica nem se esconde, não foge e tem diante de si uma turba armada. Ao longe ouve os rumores da desordem ; sente-se só, diante duns homens fulos que o ameaçam e falam em o fuzilar.

Ter-lhe-ia sido facil, de um salto, evadir-se, procurar num recanto alguma Casa dos Inuteis para se meter, um nicho para se guardar, lembrar-se de que as balas não tem leitreiro.

À sua volta estão inferiores, os seus galões luzem e sempre lhe dão animo.

— Vaes morrer! gritam-lhe os fusiladores, aqueles que a si proprios se sentiam arvorados em soldados de pelotão executor.

— Esperem um momento, rapazes?

Que quer êle? Que vae dizer, que palavras soezes pronunciará, para que esconderijo lançará os seus olhos, que esperança de fuga anunciará ainda?

Tranquilamente, tanto quanto se pode estar, quando se entrevê o fim da existencia nos canos de algumas espingardas, êle puxou da tabaqueira, enrolou o seu cigarro, acendeu-o, perfilou-se, ao cabo de meia duzia de fumaças, e recebeu as balas exalando com a vida a sua derradeira bafo-rada de tabaco.

É uma figura de romance, dir-me-ão. Pois não é. Tenho aqui provas: os jornaes narraram a sua morte como a descrevo. Existiu. Vi-o a combater no Parque. Chamava-se Carlos Botelho de Vasconcelos e foi fusilado a dois passos do Arsenal em cujo ambito o almirante Camara Leme, agora levemente punido, se escondia.

A' consciencia dos soldados portuguezes ofereço estas duas figuras militares, apresento o coronel, agora um cadaver, uma podridão, um abatido ao efectivo e o almirante vivo, fardado movendo-se. Aponto um calde fumando o seu cigarro, como um Ney, e o outro confessando ter-se agachado e pergunto:

— Quem ha aí nas fileiras que lamente morrer como aquele?

— Quem ha aí nas fileiras que queira viver como este?

Parece que de todos os quartéis, de todos os navios, de todôs os fortes, chega a consagração do fusilado. Quere dizer, a condenação do que se salvou.

Que me importa a justiça, com os seus codigos, suas leis, paragrafos, decisões, se ela, ao pronunciar-se, é a propria negação do direito? Que me faz a absolvição dos que a consciencia publica chama culpados? Apenas gera o desprezo da lei que os põem em liberdade ou a elasticidade de julgamento dos homens que salvam criminosos.

No caso presente, um juiz condenou, em dez dias de prisão, um almirante que se agachou, dando-lhe como atenuante a sua *alta patente*, para o país essa *alta patente* é apenas uma verba a mais no orçamento: a que se paga a um morto.

E no entanto, acabou sem salvas, sem os regimentos perfilados, sem as honras que se devem aos generaes como se fosse exautorado. Eu, pelo menos, não soube dos seus funeraes.

Ao outro, ao que fusilaram, acompanhei-o até à derradeira jazida. Também não teve honras militares, depois da morte, porque a sua familia as dispensou. Os tiros escutou-os ele fumando o seu cigarro.

A um saudaram-no fazendo-lhe a agonia das salvas que foram as descargas; a outro salvaram-no os seus agachamentos.

Qual é melhor?

Os militares portuguezes respondem fazendo a sua continencia à podridão heroica que jaz no cemiterio,

